

SARAIVA, ARNALDO

MODERNISMO BRASILEIRO E MODERNISMO PORTUGUÊS – SUBSÍDIOS PARA O SEU ESTUDO E PARA A HISTÓRIA DAS SUAS RELAÇÕES. Campinas: Editora Unicamp, 2004. 680p.

A partir de um determinado momento histórico que, para facilitar, podemos localizar no centenário de sua independência, o Brasil fez um esforço consciente para desviar os olhos de Portugal. É significativo, para ficarmos apenas num exemplo, que tenha sido um pesquisador francês, Jean-Michel Massa, a recuperar a importância dos autores portugueses na formação de Machado de Assis, enquanto os brasileiros preferiam ver nosso maior prosador em sua interação com a literatura inglesa ou francesa. Recentemente, essa questão se reacendeu, em tom polêmico, com a repercussão que teve o posfácio de Abel Barros Baptista para uma seleção de textos de Antonio Candido publicada em Portugal, que gerou texto de Walnice Nogueira Galvão na *Folha de São Paulo* e réplica do crítico português.

O resultado desse esforço é bastante visível hoje. O interesse pela literatura – e pela cultura portuguesa em geral – no Brasil tem sido pequeno, mesmo levando-se em consideração as famosas exceções que, como sempre, apenas confirmam a regra geral: o caso óbvio de José Saramago, o relativo sucesso do grupo musical Madredeus, uns poucos autores novos, como José Riço Direitinho, que aparecem em edições brasileiras.

Pode-se atribuir a esse desinteresse geral a repercussão quase nula no Brasil deste grande estudo de Arnaldo Saraiva, que precisou esperar quase vinte anos para ser lançado por aqui, a despeito da relevância que tem para aqueles que pensam a literatura brasileira – relevância talvez até maior para nós do que para os portugueses, logo se verá por que. Por outro lado, a espera não foi de todo má, já que resultou em volume muito bem editado, com um excelente índice onomástico, fundamental num trabalho de referência como este.

No mínimo, essa é uma obra que nos interessa por seus dois últimos livros, dos três em que se divide, já que eles trazem um volume considerável de textos inéditos e dispersos em publicações periódicas, incluindo conjuntos importantíssimos de cartas de Mário de Andrade a José Osório de Oliveira e de Oswald de Andrade para António Ferro, material que pode e deve alimentar outros pesquisadores do modernismo de cá ou de lá.

Mas só no mínimo, porque o primeiro livro traz um estudo cuidadoso e revelador das relações entre os intelectuais brasileiros e portugueses à época do modernismo. Arnaldo Saraiva enfrenta esse problema, tão com

plexo e cheio de armadilhas criadas pelos sentimentos de nacionalismo mais estreito, armado de uma pesquisa sob todos os títulos admirável. Parece não haver escapado ao pesquisador nenhuma referência, nenhum documento, nenhum tema que pudesse dar contribuição para o debate acerca das relações entre os modernismos do Brasil e de Portugal, incluídas as questões de língua e ortografia e até os tratados comerciais firmados entre os dois países.

É claro que sempre haveria ausências a se apontar. Vale a pena mencionar uma delas: a figura de Paulo Prado, que não aparece no estudo, embora seja presença constante nos documentos arrolados nos livros II e III. É bem verdade que essa ausência, ou outras que se possam apontar, não implicam uma incompletude da obra – e poucos estudos podem se vangloriar de serem tão completos quanto este. O leitor, todavia, fica imaginando o quanto o autor poderia dizer acerca desse homem que, afinal, representa uma espécie de elo nas relações luso-brasileiras do início do século XX, já que era, de um lado, fortemente ligado à cultura portuguesa, e, do outro, alguém que exerceu papel importante nos por assim dizer bastidores do modernismo brasileiro – além de ter escrito *Retrato do Brasil* (1927), livro que antecipa *Raízes do Brasil* e *Casa grande & senzala* na construção de uma imagem de Brasil a partir de uma visão crítica da empresa colonial portuguesa, mas sem os preconceitos como aqueles revelados por Antônio Torres em seu livro *As razões da inconfidência* (1925).

Mas é evidente que o interesse do livro recai primordialmente sobre a literatura e a vida literária partilhada por brasileiros e portugueses. E no campo da vida literária, ou seja, das relações entre intelectuais dos dois países, o livro não deixa dúvidas: houve uma convivência muito mais intensa do que se imagina e do que nosso desejo de independência em relação a Portugal quer admitir. O que se apresenta aqui é um vai-vem danado de intelectuais, pessoalmente ou pelo malote, trocando livros e impressões, versos e juízos críticos. Casos específicos, como a presença de Ronald de Carvalho na direção do primeiro número de *Orpheu* e a circulação (ou falta) dessa mesma revista no Brasil são discutidos e esclarecidos.

Também se fazem algumas aproximações diretas entre livros de modernistas brasileiros e portugueses. Esse é um campo difícil para a crítica, que precisa lidar com o preceito segundo o qual nem sempre semelhanças entre obras representam influência direta entre autores. De toda forma, concorde-se ou não, por exemplo, com a leitura de que a escritura de “Ode ao burguês”, de Mário de Andrade, deixa transparecer uma influência da “Cena do ódio”, de Almada Negreiros, o fato é que as cuidadosas comparações – que também aparecem neste sentido entre *Leviana*, de Antônio Ferro, e *Serafim Ponte Grande*, de Oswald de Andrade – demonstram que há uma

ligação considerável entre o modernismo português e o brasileiro e que convém repensar o movimento em outros termos.

E, assim, voltamos a um ponto deixado de lado, a afirmação de que *Modernismo brasileiro e modernismo português* poderia interessar mais a brasileiros que a portugueses. Nos últimos anos, o entendimento do que tenha sido e de que alcance possa ter tido o modernismo no Brasil tem sido recolocado, e mais de um estudioso, a partir de mais de um ponto de vista, manifestou-se para contestar aquilo que se poderia chamar de visão “paulistocêntrica” do modernismo. Arnaldo Saraiva leva em conta em seu livro um leque bastante amplo de autores e experiências. Como o Rio de Janeiro era a capital do país e principal destino dos intelectuais portugueses que nos visitavam, é natural que os autores da cidade ou ali radicados o interessem de forma especial. Intencionalmente ou não, o livro vai desenhando uma constelação de autores que, sem desprezar Mário ou Oswald de Andrade, investiga a contribuição de Ronald de Carvalho, do crítico Carlos Maul e dos escritores ligados à revista *Fon-fon*, como é o caso do jornalista Álvaro Moreira e dos poetas Eduardo Guimaraes ou Ernani Rosas, que têm despertado pouco interesse nos críticos brasileiros – a exceção ficando agora por conta de Ernani Rosas, recentemente “re-visto” por Augusto de Campos.

É dessa forma que o leitor brasileiro, sem prejuízo de conhecer um pouco mais de autores portugueses significativos como António Ferro, Luís de Montalvor e mesmo Almada Negreiros (que, apesar da publicação de sua *Obra completa* entre nós, permanece desconhecido) ou de ser levado a considerar que nossa independência cultural em relação a Portugal não foi e nunca precisou ser um rompimento, também fica sabendo mais dos próprios modernistas brasileiros que andam sumidos da nossa história literária.

Luís Bueno
Universidade Federal do Paraná